



LAGRIMA

PUBLICAÇÃO RECRATIVA

Anno I—N.º 8

Cada numero 10 rs.

Barcellos 13 de agosto de 1892.

Quasi diluido pelo excessivo calor que faz, eu tento escrever esta despretenciosa chronica em mangas de camisa; e não tiro as calças e as ceroulas, gentilissima leitora, porque, francamente o confesso, a pudicia de V.Ex.^a podia lançar-me em rosto a sua justissima indignação que far-me-ia corar de vergonha.

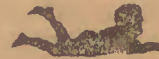
Creia V.Ex.^a, minha senhora, que o calor convida-me á singelesa de costumes: desenrolando deante de meus olhos, na tela do passado, um formosissimo quadro dos primitivos tempos, acorda em mim tentações de imitar os nossos proto-parentes.

V. Ex.^a, aposto eu em como tem tido tentações eguaes ás minhas!

Que felicidade para a arte. minha senhora, e para as algibeiras dos maridos pobres, se a moda introduzisse na sociedade a simplicidade de taes atavios! A esthetica tornar-se-ia, com certeza, uma sciencia ao alcance de todos.

Mas que calor, que calor, que

insupportavel calor! Quero escrever e não posso; faltam-me as forças vacilla-me a coragem... Perdão, formosa leitora, d'esta vez V.Ex.^a fica sem chronica, o calor inhiibe-me de escrever; para na proxima quinzena fallaremos.



Galeria de homens illustres de Barcellos

«Elle era um artista primoroso e está dito tudo»

Antonio Cruz

I

Não é nos scanhados moldes d'uma noticia feita ao correr da penna, que se pode traçar o perfil do egregio vulto de Antonio Cruz, o primoroso e genial pintor, que brevemente deve ter a sua consagração d'artista celebre no *Salão de Paris*, onde, segundo nos consta, apresentará, ainda este anno, um grande quadro representando *S. Pedro de*

A LAGRIMA

Rates, quando foi encontrado morto.

Visitamos hontem o *atelier* d'aquelle artista colossal, e, francamente, nunca deparamos com quadro tão sublime, tão extraordinariamente trabalhado! Quadro em que se nota a consonancia de côres, uma leveza aerea, em summa não ha penna que possa descrever este assombrosissimo prodigio da arte.

Pobre é a historia da pintura em Portugal até os tempos modernos, em que apenas se alteia, grandiosa e fecunda, e original até, a imaginação de Antonio Cruz.

O santo está deitado entre um massiço de verdura, veste o uniforme de guerreiro; a um lado tem a arma e, ao outro o capacete de ferro; na emaranhada cabelleira vê-se um ninho de ratos com uma vivesa tal que chega a illudir os gatos. (I)

Antonio Cruz não é só um pintor, é tambem um scenographo! O panno da boca do theatro do Gymnasio, está ahi affirmal-o.

(I) Os nossos leitores não devem desconhecer a lenda de S. Pedro de Rates, que diz que este santo foi encontrado mezes depois de morto na batalha, em que foi um heroe, e que no cabello comprido que então se usava, os ratos fizeram o ninho; depois foi n'esta posição, que Antonio Cruz o pintou.

Ora o que os leitores por certo desconhecem com certeza é porque lhe chamam o **Pinta Ratos**, e porisso nós o vamos explicar:—estava o nosso artista no *atelier* quando lhe annunciaram que uma pessoa estrangeira queria entrar; Cruz com a affabilidade que lhe é peculiar recebeu-o; o personagem quedou-se petrificado deante do quadro em questão, e exclamou—**Que pyramidal pinta ratos!** Ora eis ahi, que não é de guerra o appellido, mas sim de gloria para o artista.

Nasceu este vulto na freguezia de S. Claudio, concelho d'Esposen-de; é filho de paes pobres, e desde tenra idade mostrou grande vocação para a pintura; ás veses fugia da aula e iam enconral-o absorto na contemplação dos quadros da natureza; o que a olhos d'outrem não tinha encanto nenhum, tinha-o para elle fiel observador. Primeiro começou a aprender o officio de carpinteiro, para o que era uma negação completa; o mestre ia enconral-o a fazer desenhos, quer na parede, quer na madeira em que trabalhava, quer no chão, tudo lhe servia de t'ela. No museu de pintura do Porto, existe uma taboa pequena em que Cruz aos 12 annos d'idade, riscou a lapis, o rio Cavado com os peixinhos a bulir.

O mestre apertava-o por elle perder tantas horas de trabalho; e foi n'uma d'estas occasiões que se lembrou Cruz de o pintar na porta da officina com metade do corpo representando animal; o resultado era de prever, o mestre assim que viu a sua figura tão deshumanamente servindo de guarda-portão despediu-o. Ora foi desde então para cá que elle se dedicou devéras á arte, começando a encarnar imagens, dourar retabulos, etc.; e assim se foi creando, até que o seu nome ha de figurar na historia da pintura em Portugal.

Pode dizer-se que Cruz deve tudo ao seu trabalho; assim como Palyse e mil outros de que reza a historia, com uma força de vontade incomparavel tem-se creado sem auxilio de ninguem.

A exm.^a Camara tambem sabe

apreciar, como deve, os filhos adoptivos e illustres d'este concelho, porque o preferiu para pintar os titulos das ruas e a numeração das casas, d'esta villa.

Como o jornal é pequeno não nos podemos deter mais circumstanciadamente sobre o assumpto, por isso levantamos um viva a:

Antonio Cruz; á pintura nacional que tão digno cultivador tem; e á freguezia de S. Claudio a que o artista pertenceu.

Zêtil.



LIBERDADE

(ao meu amigo Alberto Pereira Esteves)

Não perguntes, Alberto, pois é vão
ver a razão dos feitos cá da terra.
Não inquietes o Deus descançado
que olha emballado os homens sempre em guerra

Não te grimpes, não, áquellas alturas
onde as torturas tem o seu domin'o
Não engolfes no peito varonil
o fio subtil do cruel destino.

Não te arrastes, não, á escura floresta
onde só resta o fero e cru cynismo
Não marches cego na inclemente estrada
que é uma emboscada do tremendo abysmo.

Não maldigas jamais a tempestade
que é autoridade com que Deus se veste
Não vituperes a morte inconstante
que é volanté da machina celeste

Não perguntes, Alberto, pois é vão
ver a razão de tal voracidade,
não inquietes o Deus descançado
que fatigado deu a Liberdade.

J. P. L.



Nas escavações que actualmente se estão fazendo para o encanamento das aguas do snr. Borges, foi ha dias encontrada pelo distinctissimo engenheiro — o snr. Camulo, uma enormissima cabeça anti-diluviana, que este cavalheiro mandou expor no estabelecimento do snr. Joaquim Azevedo, no campo da Feira, onde pode ser admirada todos os dias, desde as 6 ás 10 horas da noite. N'uma especie de gargantilha, que envolve o pescoço do monstro, está gravada em caracteres antiquissimos a seguinte inscripção em latim macarronico:—*Ca-beçum Comarcorum est Bucefalorum Zé Angustiorum.*

Presentemente suppõe-se que seja a cabeça de Medusa ou a do cavallo divinizado por Nero. Recommen-damol-a aos archeologos.



EXPEDIENTE

Caso não queiram ser interrompidos na remessa d'este jornalinho, pedimos a todos os cavalheiros a quem o temos remettido, que satisfaçam a importancia de suas assignaturas, para o que mandamos proceder já á ccbrança.

No proximo mez de setemb: o só remetteremos o jornal a quem tiver pago.

Não podemos inserir na integra, o discurso do ex.^{mo} Mano Doutor, por elle não rever as notas tachygraphicas.

A LAGRIMA

Festas na ocasião do levantamento da estatua do Zé das Angustias



A estatua Zé das Angustias com guarda de honra.



O publico transformado em verdadeiros pontos de admiração, ao ouvir o discurso do Ex.^{mo} Mano Doutor.



Zé das Angustias, disfructando as festas que se fazem em sua honra, em cima da cartolla que o Ex.^{mo} Mano Doutor, cedeu para tal fim.



Encontro do genial poeta com o Ex.^{mo} Mano Doutor.



O Ex.^{mo} Mano Doutor é levado n'uma carréla ao apogeu da gloria, pelos varredores, iniciadôres do levantamento da estatua.



Zé das Angustias retira-se para sua casa no seu real carro, sendo lhe feita a guarda de honra, por 100 varredores.